

Violência doméstica: análise epidemiológica em um município do triângulo mineiro

Luciana Aparecida Gadia Fernandes^(*)

Sarah Mendes de Oliveira^(**)

Claudia de Azevedo de Aguiar^(***)

Carla Denari Giuliani^(****)

Resumo

Neste trabalho buscamos caracterizar o perfil da violência doméstica praticada contra mulheres no ano de 2011 e 2012, a partir dos dados fornecidos pela Secretária Municipal de Uberlândia no Grupo de Vigilância Epidemiológica (VIGEP). Foram um total de 1837 indivíduos que procuraram o serviço de saúde com algum caso violento, 57,8% eram mulheres, a idade média foi de 20 a 39 anos, 40,0% declararam-se solteiras, e 54,1% eram de raça branca. A violência física foi a de maior prevalência com 73% dos casos, seguida pela violência sexual (20%), violência psicológica (5,7%). E em 10,5% dos casos a agressão aconteceu outras vezes.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Mulher. Saúde Pública.

DOMESTIC VIOLENCE: epidemiological analysis in a municipality of the Minas Gerais triangle

The aim of this work was to portray a domestic violence outline against women during the years 2011-2012, using the Epidemiological Group of Vigilance (VIGEP) from Uberlândia's Municipal Secretary as the source of data. According to the profiles, the public health service was searched for 1837 persons reporting different cases of violence, the prevalence (57,8%) was detected in white (54,1 %) and single (40%) self-declared women, aged 20-39. Concerning to the incidence rates, physical violence was 73%, followed by sexual (20%) and psychological (5,7%). Moreover, 10,5% of aggression cases were recurrent. The study reveals an increase in violence rates during the aforesaid biennium.

Keywords: Gender Violence. Woman. Public Health.

^(*)Enfermeira Graduada e Licenciada pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: lucianagoliver@hotmail.com

^(**)Enfermeira Graduada e Licenciada pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestranda no Programa de Graduação em Ciências da Saúde – UFU. E-mail: sarahmendes.ufu@gmail.com.

^(***)Doutora em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Docente no Curso de Medicina na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: claudia.aguiar@uftm.edu.br.

(****)Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Docente na Faculdade de Medicina no Curso de Graduação em Enfermagem - UFU. E-mail: denarigiuliani@bol.com.br.

A violência contra as mulheres tem chegado aos serviços de saúde cotidianamente e muitos hospitais, especialmente os universitários, criaram nos últimos anos, serviços de atendimento às suas vítimas. Entretanto, as práticas desenvolvidas nos serviços de saúde indicam a manutenção do modelo biomédico centrado nas questões biológicas, muitas vezes desqualificando o sofrimento das mulheres que buscam os serviços de saúde. Em outra vertente, quando existe sensibilidade por parte do/a profissional de saúde em atender às demandas colocadas pela mulher vitimizada, há relatos de falta de embasamento teórico maior acerca da problemática da violência, e carência de recursos técnicos e institucionais para dar suporte de qualidade (COSTA, 2001). Desta forma este trabalho tem o intuito de analisar os dados da notificação compulsória sobre violência doméstica, obtidos dentro do departamento de vigilância epidemiológica que está lotado na secretaria municipal de saúde de Uberlândia.

É considerada violência de gênero aquela que é exercida de um sexo sobre o sexo oposto. Em geral, o conceito refere-se à violência contra a mulher. Em geral as pesquisas sugerem que o agressor costuma ser um membro da família, podendo ser o marido, namorado, ou ex-namorado. É importante entendermos que este tipo de violência não precisa necessariamente induzir ferimento ou levar a vítima à morte, pois resultam também em problemas físicos, psicológicos e sociais, podendo ser imediatos, latentes ou durar anos após o ato inicial, e isso acaba trazendo um grande impacto para suas famílias, comunidade e até mesmo para o país, pois a violência gera muitos gastos que vai desde a saúde à despesas legais e perdas de produtividade.

Os movimentos feministas tiveram um papel fundamental quanto a divulgação e a luta contra a violência de gênero:

[...] a partir dos anos setenta, tornaram público o fenômeno da violência contra a mulher, dando visibilidade, através da denúncia alarmante e grave do problema.
(SILVA; VINAGRE, 1992, p.96).

Ainda segundo Silva e Vinagre (1992, p.96), os movimentos feministas ampliaram a visão do que é violência:

[...] consideram como crime quaisquer atos que envolvam agressões físicas, psicológicas ou sexuais, ocorridas no espaço do lar ou fora dele.

Outro fato para o qual as feministas chamaram a atenção e que contribuiu muito para a criação dos órgãos de repressão contra tais atos é que: Embora os movimentos

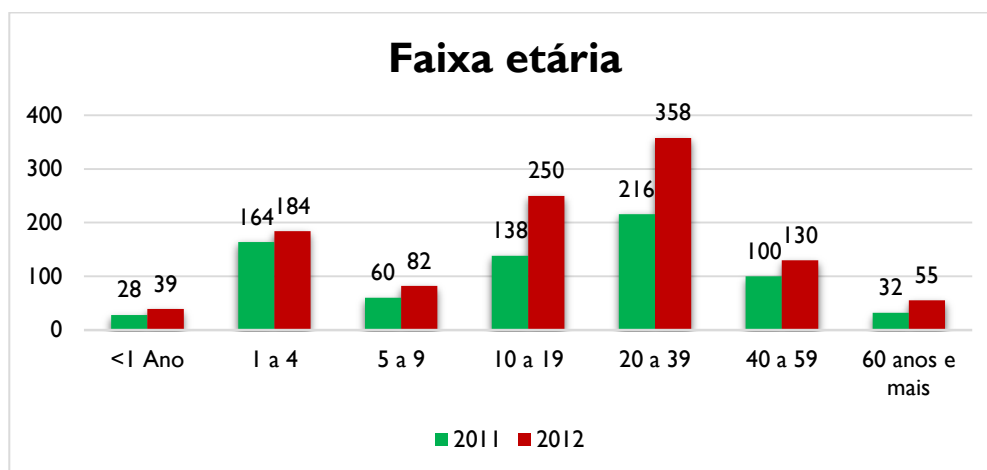
feministas reconheçam que a violência atualmente atinge os indivíduos de maneira geral, seja na cidade ou no campo, chamam a atenção para a violência específica em relação à mulher, reivindicando a criação de mecanismos, pelo Estado, que prestem assistência à mulher vítima de violência (incluindo Conselhos de Defesa da Mulher, Delegacias Especializadas, Abrigos).

Portanto, este artigo está norteada pelas seguintes questões: Qual a ocorrência de casos de violência contra mulheres em Uberlândia? Qual a prevalência entre sexos que foram vítimas? Qual a idade mais acometida? Qual a situação conjugal? Qual o tipo de violência ocorrida? Foram recorrentes?

Pesquisa Realizada

De acordo com informações fornecidas pela Secretária Municipal de Uberlândia no Grupo de Vigilância Epidemiológica (VIGEP) 1836 indivíduos procuraram o serviço de saúde com algum caso violento, no período de 2011 e 2012. Na figura 1, temos os seguintes resultados, por faixa etária:

Figura 1. Caracterização das mulheres vítimas de violência doméstica segundo a faixa etária, Uberlândia, ano de 2011, 2012.



Fonte: Secretaria Municipal de Uberlândia

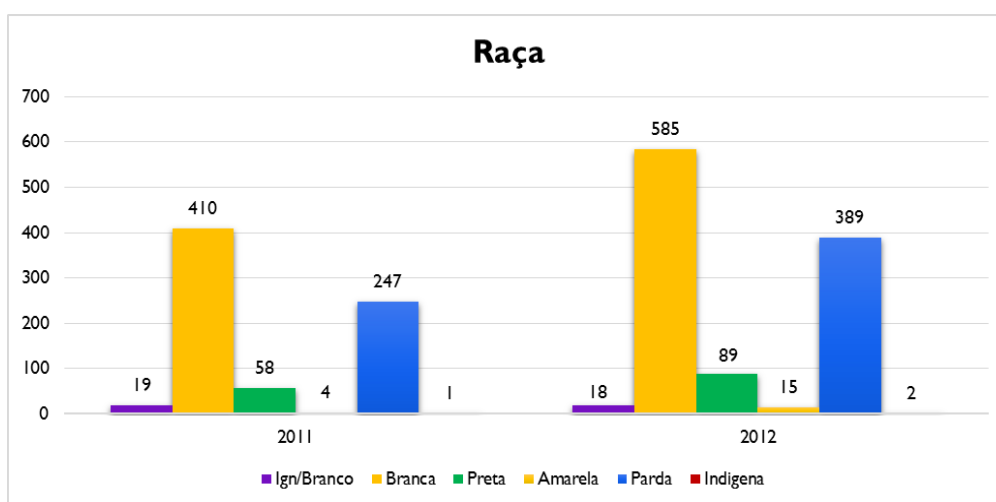
Na figura 1 a idade mais acometida foi de 20 a 39 anos. Em 2011 foram computados 216 casos. No ano subsequente foram 358 agressões, no entanto houve um aumento de 142 vítimas de um ano para o outro. Analisamos também que há uma elevada

taxa de crescimento de um ano para o outro, em todas as faixas etárias, isso nos mostra que há sim, fatores agravantes para que este número aumente.

A violência contra as mulheres, muitas vezes perpetrada dentro do núcleo familiar, é um fenômeno que vulnerabiliza milhares de meninas e mulheres em todo o mundo, nas diversas faixas etárias. Trata-se de um evento de grande prevalência e alto impacto nas condições de saúde das vítimas e seus pares. (D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2013).

Outra variável de grande relevância a ser observada nos casos de violência contra as mulheres é a raça, conforme Figura 2:

Figura 2. Caracterização das mulheres vítimas de violência segundo raça, Uberlândia, ano de 2011, 2012.



Fonte: Secretaria Municipal de Uberlândia

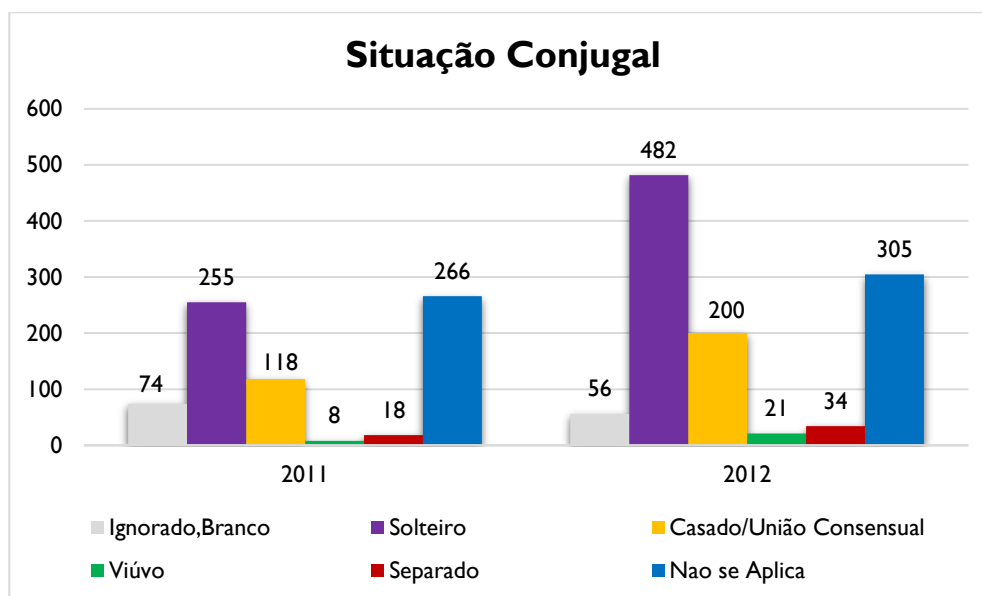
A figura 2 nos mostra que no ano de 2011, 55,4% (n=410) das vítimas de violência são da raça branca, 33,45% (n=247) parda, 7,8% (n=58) preta, 0,54% (n=4) amarela e 0,13% (n=1) indígena. Em 2012, foram vítimas 53,2% (n=585) brancas, 35,4% (n=389) pardas, 8,1% (n=89) pretas, 1,3% (n=15) amarela, e 0,18% (n=2) indígena. O maior índice ocorreu em 2012, com as mulheres de raça branca, resultando em 175 casos a mais em comparação ao ano anterior. Devemos considerar também o aumento do número de agressões com a raça parda, que foi de 142, assim como na raça preta, com 31 casos a mais.

Este estudo divergiu de outra pesquisa no que se refere à raça. Silva (2003), por exemplo, apontou que 46,5% das mulheres que sofreram algum tipo de violência eram da raça negra. Já no estudo de Schraiber et al (2002), a maioria das mulheres violentadas era

da raça branca (47,8%). Cabe destacar que existe uma escassez de estudos sobre violência de gênero que consideram o marcador raça em suas análises. De acordo com Azerêdo (1994), isto se deve a uma tradição acadêmica patrilinear que não considera as diferentes vozes.

Sobre a situação conjugal das vítimas, a figura 3 mostra que no ano de 2011, 34,5% (n=255) das mulheres violentadas eram solteiras, a união consensual foi a segunda maior taxa (15,9%, n=118), e as separadas foram o menor índice, 2,4% (n=18). Já em 2012, estes números se elevaram, sendo 43% (n=482) solteiras, 18,2% (n=200) casadas, e 3% (n=34) separadas.

Figura 3. Caracterização das mulheres vítimas de violência segundo situação conjugal, Uberlândia, 2011, 2012.



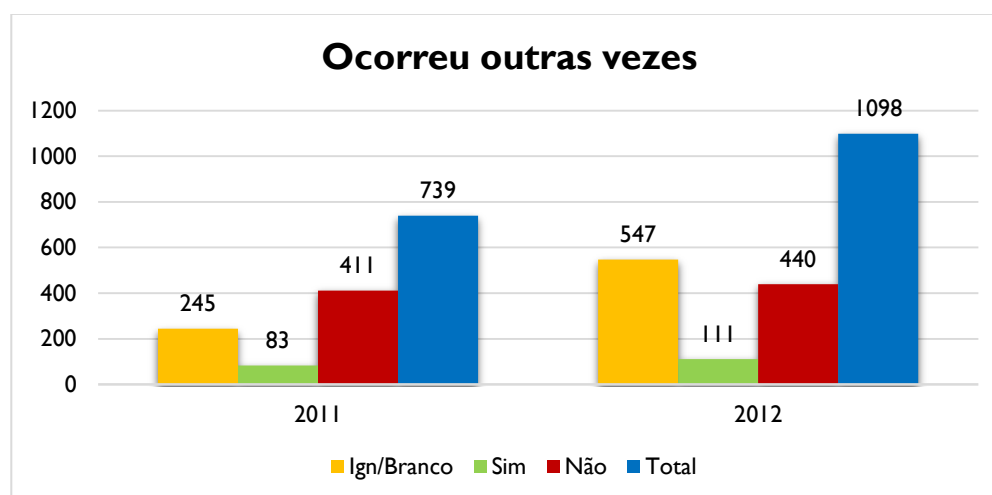
Fonte: Secretaria Municipal de Uberlândia

Os resultados deste estudo em relação à situação conjugal também divergiram de outras pesquisas, a exemplo de Silva (2003), que encontrou 51,1% de mulheres vítimas de violência casadas ou vivendo com o companheiro. Schraiber *et al* (2007) encontraram um percentual de 46,2% de mulheres casadas e 31,5% que moravam com o companheiro.

A situação conjugal merece visibilidade nas análises, já que o companheiro é, segundo muitos estudos, o maior agressor das mulheres. De acordo com o Ministério da Saúde (2002), a probabilidade de uma mulher ser agredida dentro de sua casa pelo companheiro é quase nove vezes maior do que sofrer violência na rua.

Outro dado de destaque é a reincidência da agressão, conforme mostra a figura 4:

Figura 4. Caracterização das mulheres vítimas de violência segundo o número de vezes de ocorrência da agressão/reincidência da violência, Uberlândia, ano de 2011, 2012.



Ign = Ignorado

Fonte: Secretaria Municipal de Uberlândia

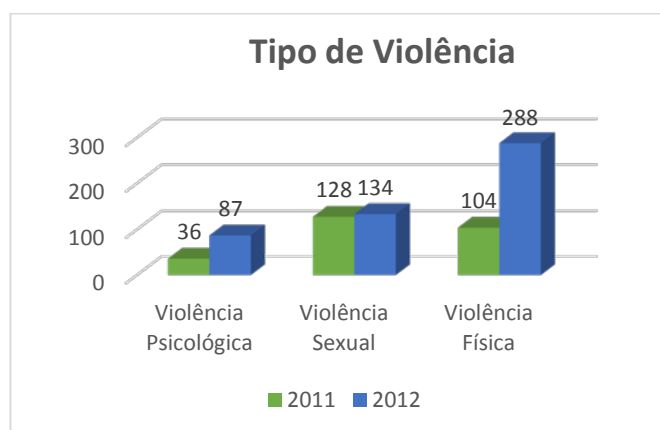
Na figura 4 observamos que no ano de 2011, 11,2% (n=83) das mulheres sofreram algum tipo de violência mais de uma vez, e 55,6% (n=411) não sofreram agressão novamente. Em 2012, o caso se repetiu em 10% (n=111) da população analisada e não houve ocorrência em 40% (n=440) das mulheres.

De acordo com o Mapa da Violência de 2015, o percentual de reincidência da violência contra a mulher é extremamente alto, configurando casos de violência anunciada, previsível e de difícil erradicação. (WAISELFISZ, 2015).

Com relação ao tipo de violência sofrida, são reconhecidos na literatura diversas modalidades, como agressão física, psicológica, sexual, negligência/abandono, tortura, violência econômica, trabalho infantil, tráfico de mulheres (WAISELFISZ, 2015). Neste estudo, destacam-se a violência física, sexual e psicológica, conforme figura a seguir:

No ano de 2011 foram contabilizadas 104 vítimas de violência física, e em 2012 este número aumentou para 288 casos; 128 casos de violência sexual no ano de 2011 e em 2012 12,2%, ou seja, 134 casos. No ano de 2011, com 36 casos de ameaça, equivalente a 4,8%. E no ano de 2012 foram 87 casos, ou seja, 7,9% das mulheres foram ameaçadas. De um ano para o outro observamos um aumento dos casos de 3,1% (Figura 5).

Figura 5. Violência psicológica sofrida, nos anos de 2011 e 2012.



Fonte: Os autores

No ano de 2011 a maior prevalência dos casos de violência observados se deu com o sexo feminino 59,2% mulheres. A idade média, foi de 20 a 39 anos, a raça mais afetada foi a branca com 55,4%, 34,5% das mulheres que sofreram agressão de algum tipo são solteiras, e em 11,2% dos casos analisados a agressão ocorreu novamente. Neste estudo, a violência física foi o tipo de agressão com maior número de casos, chegando a 35,1% em um ano, a violência sexual ficou em segundo lugar com 17,3% dos casos, seguida pela violência psicológica com 4,8% das vítimas sendo ameaçadas e 3,7% de outras violências.

No ano de 2012, o sexo feminino foi o mais computado, chegando a 56,8% dos casos de violência; a faixa etária mais atingida está dentre 20 a 39 anos, as mulheres de raça branca foram mais afetadas com 53,2%, as solteiras estavam entre o maior grupo de risco com 43% da população, e 10% destas vítimas relataram que não foi apenas um episódio isolado. O tipo de violência de maior prevalência foi a de lesão auto provocada com 26,2% dos casos, seguida por 12,2% violência sexual, 7,9% das vítimas sofreram violência psicológica do tipo ameaça, 3,7% outras violências.

A violência corporal, também chamada violência física, foi a forma de agressão de maior prevalência no ano de 2011 com 35,1% dos casos e no ano de 2012, é o segundo maior, com 25,2%. Da mesma forma, um estudo semelhante realizado também no Hospital das Clínicas de Uberlândia no ano de 2001 a 2003, mostra que a violência física está entre as mais recorrentes, chegando a 35,9%. Dessas vítimas, 50,3% são amasiadas, e 5% solteiras, com idade entre 18 a 39 anos. (GARCIA et al., 2008).

Em um estudo realizado em uma Unidade de Saúde da Família no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a maioria das mulheres entrevistadas tinha em média 30 anos de

idade, 51% eram negras. Os tipos de violência ocorridos foram: Violência física, com 38% de casos, 9% violência sexual e 55% violência psicológica, sendo que a prevalência está entre as mulheres mais velhas. Na maioria dos casos analisados existem mais de um tipo de violência vivenciada, 52% sofreram dois tipos de violência, 18% sofreram três tipos de violência. (KRANBAUER; MENEGHEL, 2005).

Em Pousada de Maria, Paraná, foi feita uma pesquisa exploratória com 882 vítimas de violência em um período de 14 anos. A idade mais acometida foi entre 19 a 49 anos, com 54,75% dos casos, 47,98% eram solteiras, e 41,63% amasiadas. O companheiro foi o agressor que mais prevaleceu com 71,41%. A agressão física foi a de maior ocorrência com 57,97%, seguida pela violência psicológica com 16,96% casos. Um fato muito importante citado foi o motivo do convívio com a violência, na maioria das vezes era por causa da união familiar, outros motivos citados foram a dependência financeira e insegurança ou medo do agressor. (LABRANICI et al 2007).

No Rio de Janeiro, foram analisados 72 casos, onde a faixa etária de maior incidência foi de 20 a 29 anos com 47,7% da população, 45,7% das vítimas eram solteiras, 35,7% casadas, e em 56,9% dos casos ocorridos o marido ou companheiro foi o agressor. (RESLANDES; GOMES; SILVA, 2000).

Um estudo realizado em Londrina, Paraná, no Centro de Atendimento à Mulher (CAM), mostra resultados diferentes do que mostram os estudos, relatando que 37,7% das vítimas tem entre 30 a 39 anos, com prevalência de mulheres casadas chegando a 47,2%. A violência mais ocorrida foi a psicológica com 56,4% seguida de 32,1% casos de violência física, o agressor de maior incidência é o marido com 73,4% dos casos. (GALVÃO; ANDRADE, 2004).

Nos anos de 2000 e 2001 foi realizado um estudo comparando a prevalência da violência contra a mulher pelo parceiro íntimo nos estados de São Paulo e Zona da Mata de Pernambuco, são dois lugares bem distintos, mas obtiveram resultados equivalentes quanto ao tipo de agressão, nos dois locais prevaleceram a violência psicológica, com 37,6% dos casos na Capital Paulista e 32,0% na Zona da Mata. Em São Paulo as vítimas tinham entre 30 a 39 anos, 52,1% eram casadas, e 17,2% sofreram violência mais de uma vez. Pernambuco tem prevalência de faixa etária de 20 a 29 anos, sendo 41,6% casadas, e 20,2% sofreram agressão mais de uma vez. (SCHRAIBER et al 2007).

Há na literatura expressiva produção de dados sobre a violência praticada contra as mulheres, também caracterizada como violência de gênero - evento que se mostra historicamente enraizado nas diversas culturas. De acordo com Blay (2003), a magnitude

da ocorrência da agressão varia muito entre os países, mas evidencia-se importante aumento no número de casos em lugares onde não há ou há pouca cultura igualitárias entre os sexos.

Compreenderas razões da violência que acomete as mulheres recai sobre as diferenças preestabelecidas socialmente entre os gêneros. De acordo com Giffin (1994, p.150), "acrescente consciência quanto às enormes diferenças atribuídas à sexualidade de homens e mulheres nos ajuda a desvendar as relações íntimas entre a tradição de pensamento dualista mais geral na sociedade ocidental e as ideologias de gênero, onde ideias sobre masculino/ feminino são refletidas/embutidas também nos conceitos de cultura/natureza, razão/emoção, sujeito/objeto, mente/corpo". A autora acrescenta que, nesta lógica, homens (ativos) e mulheres (passivas) são vistos como opostos e excludentes, além de irreversíveis em suas diferenças.

Neste cenário de assimetrias, o exercício de poder, força e dominação do homem sobre a mulher se manifesta em seu extremo com atos de violência, impactando negativamente a qualidade de vida e sobrevivência da população feminina. D'Oliveira e Schraiber (2013), citando diversos estudos, ressaltam que a violência às mulheres pode resultar em sinais e sintomas como queixas de dor, fibromialgia, perda de memória, tontura, transtornos mentais, infecções sexualmente transmissíveis/HIV, abortamentos, disfunções sexuais, ideação suicida, dentre outros. Por esta razão, os serviços de saúde, de segurança e de apoio psicossocial devem estar preparados para atender as demandas de violência às mulheres, com punição exemplar aos agressores, até que a cultura de exercício de poder sobre o feminino se torne um fenômeno do passado.

Considerações finais

O presente estudo caracteriza o perfil da violência praticada contra a mulher nos anos de 2011 e 2012 em Uberlândia/MG, a prevalência dos casos observados foi com o sexo feminino, solteiras, a idade mais acometida foi entre 20 a 39 anos, a raça branca foi a mais atingida. É importante ressaltar a falta de informações da ficha de notificação analisada, pois não discriminava outros dados que poderiam enriquecer o trabalho, como: parte do corpo atingida, quem foi o agressor, se havia convívio com o agressor, o motivo da agressão e os aspectos socioeconômicos.

Isso nos mostra o quanto é importante um acolhimento adequado pela equipe de saúde, pois com uma efetiva coleta de dados, conseguimos entender boa parte da história pregressa desta vítima e fazer um atendimento de excelência.

Entende-se, assim, que a violência não é um problema somente do município de Uberlândia mas sim de todo o mundo, os índices estão crescendo a cada ano, e para que haja solução é necessário que haja mudança nas políticas públicas e uma participação maior da sociedade nas discussões e soluções.

Referências

AZEREDO, S. *Teorizando sobre gênero e relações raciais*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis. N. E. p.203-216, 1994. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/16103/14647>

BLAY, E. A. *Violência contra a mulher e políticas públicas*. Estud. av. [online]. vol.17, n.49, p.87-98, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18398.pdf>

BRANDÃO, E. R. *Violência conjugal e o recurso feminino à polícia*. In: BRUSCHINI, C.; HOLANDA, H. B. Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 1998.

CHAUÍ, M. *Participando do debate sobre mulher e violência*. FRACHETTO, B.; CAVALCANTI, M. L.; HEILBORN, M. L.(Dir.). Perspectiva antropológica da mulher. V. 4. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 23-62.

DESLANDES, S. F.; GOMES, Romeu; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. 6Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, São Paulo, n. 161, p.129-137, mar. 2000.

D'OLIVEIRA, A.F.P.L.; SCHRAIBER, L.B. Mulheres em situação de violência: entre rotas críticas e redes intersetoriais de atenção. Rev Med, São Paulo. v.92, n.2, p.134-40, 2013.<http://www.journals.usp.br/revistadc/article/view/79953/83887>

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, p. 65-75, 2002

GALVÃO, E. F.; ANDRADE, S. M. Violência contra a mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher em município do Sul do Brasil. *Saúde e Sociedade*, Londrina, v. 13, n. 2, p.89-99, maio 2004.

GARCIA, M. V. et al. Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 24, p.2551-2563, nov. 2008.

GIFFIN, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.10, supl.1, Jan. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v10s1/v10supl1a10.pdf>

KRONBAUE, J. F. D.; MENEGHEL, S. N. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Rev.. Saúde Pública*, Porto Alegre, v. 5, n. 39, p.695-701, 2005.

LABRONICI, L. M. et al. Perfil da violência contra mulheres atendidas na Pousada de Maria. *Escola de Enfermagem USP*, Curitiba, n. 441, p.126-133, 18 fev. 2009.

LISBOA, M. (Org.). *Prevenir ou remediar: custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*. Lisboa: Colibri, 2006.

MAIA, C. J. Rompendo o silêncio: *histórias de violência conjugal contra mulheres no nordeste Minas(1970-2007)*. In: MAIA, C. J.; CALEIRO, R. C. L.(Org.). *Mulheres, violência e justiça no Norte de Minas*. São Paulo: Annablume, 2012.

MAIA, C. J.; CALEIRO, R. C. L.(Org.). *Mulheres, violência e justiça no Norte de Minas*. São Paulo: Annablume, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. *Cadernos de Atenção Básica*, 8. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília (DF); 2002.

NADER, M. B.; LIMA, L.L.G.(Org.). *Família, mulher e violência*. Vitória: UFES, 2007.

OLIVEIRA, E. N.; JORGE, M. S. B. *Violência contra mulher: sofrimento psíquico e adoecimento mental*. Fortaleza. *Rev. Rene*, 2007; 8(2): 93-100. Disponível em: <http://www.scielo.br>[acesso em 11 nov. 2012].

SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F.P.L.; FRANÇA-JÚNIOR, I. et al. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. *Rev Saúde Pública*,

São Paulo, v.36, n.4, p.470-7, 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v36n4/11766>

SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F.P.L.; FRANÇA-JÚNIOR, I. et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev Saúde Pública*, São Paulo, v.41, n.5, p.797-807, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n5/5854>

SILVA, M. V. *Violência contra a mulher: quem mete a colher?* São Paulo: Cortez, 1992.p. 96.

SILVA, I. V. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 192, p.63-72, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Hospital de clínicas. *Estrutura física*. [20--?] Disponível em< <http://www.hc.ufu.br/conteudo/estruturaf%C3%ADsica>>. Acesso em 14 de nov. 2015.

WASELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2015 - Homicídios de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2015. Disponível em:
http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf.